



EXPRESSÕES DE ETNOCENTRISMO E ALTERIDADE PRESENTES EM A CONQUISTA DA AMÉRICA E NO TEXTO *DESCOBRINDO OS BRANCOS*: VISÃO DO COLONIZADOR X VISÃO DO COLONIZADO

Ana Cláudia Luiz Borges Barros

RESUMO: Este estudo traz reflexões sobre expressões de etnocentrismo e alteridade. Para abordar a questão, faço uma comparação entre trechos da obra *A Conquista da América*, de Todorov e o texto *Descobrimdo os Brancos* do Ianomami Kopenawa. Discuto as manifestações dessas expressões apresentadas pelos dois autores em um viés comparativo, no qual analiso a visão do colonizador (em Todorov) *versus* a visão do colonizado (em Kopenawa). Reflito sobre como os índios eram (ou são) vistos e tratados pelos colonizadores? Como os colonizadores eram (ou são) vistos pelos índios? Todorov faz um estudo sobre a questão do outro no contexto do descobrimento da América, ressaltando a presença marcante do etnocentrismo e a falta de alteridade por parte dos colonizadores. Kopenawa faz um relato de como foi a visão que seus antepassados e ele tiveram dos brancos, como viviam antes e o que mudou com a chegada dos brancos.

Palavras chave: Alteridade, Colonizador/colonizado, Etnocentrismo.

RESUMEN: Este estudio trae reflexiones respecto a las expresiones de etnocentrismo y alteridad. Para abordar la cuestión, hago una comparación entre trozos de la obra *A Conquista da América*, de Todorov y el texto *Descobrimdo os Brancos* do Ianomami Kopenawa. Discuto las manifestaciones de esas expresiones presentadas por los dos autores en un viés comparativo, en el cual analizo la visión del colonizador (en Todorov) *versus* la visión del colonizado (en Kopenawa). Reflito sobre ¿Cómo los indios eran (o son) vistos y tratados por los colonizadores? ¿Cómo los colonizadores eran (o son) vistos por los indios? Todorov plantea un estudio sobre la cuestión del otro en el contexto del descubrimiento de América, salientando la presencia marcante del etnocentrismo y la falta de alteridad de la parte de los colonizadores. Kopenawa hace un relato de cuál fue la visión que sus antepasados y él tuvieron de los brancos, cómo vivían antes y lo qué cambió con la llegada de estos.

Palavras chave: Alteridad, Colonizador/colonizado, Etnocentrismo.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da história da humanidade, existem as distintas manifestações culturais, no entanto, também é notório o fato de muitas sociedades pensarem ter uma cultura superior e tentar moldar as demais ao seu padrão. Atualmente, estamos vivendo em uma época dita “pós-moderna”, a época da globalização, de descobertas e avanços grandiosos. Segundo Maher (2007), é a época em que as culturas estão constantemente se chocando e sendo expostas umas às outras, e isso com uma frequência nunca vista, fato que é produzido pela nova maneira de se comunicar e ver o mundo por meio das novas tecnologias da comunicação e informação.

Apesar de estarmos vivendo na era da “pós-modernidade”, muitos estudiosos dos estudos culturais como Homi Bhabha, Zygmunt Bauman, Tzvetan Todorov, etc. acreditam que é preciso refletir ainda sobre questões lá do colonialismo e pós-colonialismo para compreendermos melhor os cenários que estão configurados e se configurando neste tempo, além de nos dar a oportunidade de refletir sobre os terríveis atos de crueldade cometidos pelos colonizadores contra os colonizados, na tentativa de fazer deles (outros) um de “nós”. É exatamente com essa perspectiva de reflexão que quero expor este estudo.

Por meio da obra de Todorov, que traz relatos contidos nos diários de Colombo na época da descoberta da América, bem como outros documentos, por exemplo, de missionários que estavam presentes neste período, podemos ter um vislumbre da visão que Colombo (o colonizador) tinha dos índios que encontrou, e como agia em relação à eles. Já no texto de Kopenawa, é possível compreender como os índios (os colonizados) enxergaram os colonizadores quando os viram. Essa perspectiva de comparação entre as percepções de uma e outra parte no processo de colonização se mostra bem interessante, pois raramente ou nunca é dado o poder de voz aos colonizados.

Em ambas as obras, encontram-se manifestações de expressões de etnocentrismo e alteridade ou mesmo a falta delas, expressões essas que marcarei nas discussões ao longo do artigo.

2 DESENVOLVIMENTO

APRESENTANDO OS AUTORES E AS OBRAS A SEREM ANALISADAS

Tzvetan Todorov, filósofo, linguista e historiador, nasceu em Sófia, na Bulgária, em 1939. A obra *A conquista da América*, é um escrito em forma de narrativa sobre o período de descoberta e conquista da América, foi publicada pela primeira vez em 1983. Nesse texto o autor utiliza documentos originais, como os diários de Colombo e relatos de missionários que presenciaram essa época. Aborda questões de etnocentrismo e alteridade trazendo comentários críticos e posicionando-se ao longo do texto correlacionando com a atualidade.

Davi Kopenawa Yanomami Yanomaqui, atualmente com 58 anos de idade, nasceu entre o Amazonas e Roraima na fronteira com a Venezuela. No texto, *Descobrimos os brancos*, Kopenawa relata a primeira vez em que viu os brancos, fala sobre como era a vida antes da invasão deles, explica o que sentiu e achou do mundo dos brancos ao viajar para a Europa.

PROBLEMATIZAS ENVOLVENDO ETNOCENTRISMO E ALTERIDADE

Ao analisar percepções e atitudes culturais, ao tentar entender por que determinada sociedade agiu desta ou daquela forma, necessariamente é preciso compreender o que vem a ser o etnocentrismo, e quais as suas implicações sobre tais percepções e atitudes. Correlacionando com a presença ou a ausência da alteridade, outro conceito-chave quando se refere às questões supracitadas.

O etnocentrismo é um termo que tem origem na antropologia, está intimamente ligado ao estudo do homem e sua cultura. Surgiu no início dos estudos de campo realizados por antropólogos. No dicionário informal *on line*,¹ temos a seguinte definição:

¹ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/alteridade/>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

substantivo masculino, “antropol” visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais. Assim é possível afirmar que o etnocentrismo trata-se de uma visão que toma a cultura do outro como algo menor, sem valor ou mesmo errado. Ou seja, desconsidera a lógica de funcionamento de outra cultura, limitando-se a julgá-la pelo referencial que possui. Observando a definição acima, ela não nos soa como algo distante, a impressão que tenho é que estamos sujeitos a tais atitudes tão logo sejamos confrontados em nossos pontos de vista. Infelizmente o que ocorre ao tentar interpretar a cultura do outro tendo a “minha” como o parâmetro a ser seguido é que os costumes, a religião e os pontos de vista desse outro não significarão nada além de um erro que precisa ser corrigido.

O etnocentrismo bloqueia nossa visão, nosso conhecimento sobre o que é este outro, impede manifestações de alteridade, que é justamente o oposto. Pois alteridade, mesmo sendo um conceito ainda em construção, está definida assim no dicionário informal *on line*: “É a capacidade de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal (relação com grupos, família, trabalho, é a relação que temos com os outros).” “Natureza ou condição do que é outro, do que é distinto”. É um esforço de ir ao mundo novo tal qual ele é, e não como gostaria que ele fosse. Atualmente se discute muito sobre todas essas questões, existem propagandas sobre aceitar o diferente, respeitar as diferenças, conviver pacificamente e não querer modificar o mundo do outro, mas será assim tão simples?

Todorov (1998) e Homi Bhabha (2005), estudiosos dos estudos culturais têm muito a contribuir com as discussões levantadas aqui. Todorov (1998, p. 69) diz: “Colombo descobriu a América, mas não os americanos.” O que nos leva a crer em sua próxima exposição: “Toda a história da descoberta da América, primeiramente no episódio da conquista, é marcada por esta ambiguidade: a alteridade é simultaneamente revelada e recusada.” (Todorov, 1998, p. 69). Ou seja, o outro (o índio) estava ali marcando sua existência, tinha seus costumes e o próprio modo de viver, então os brancos chegam, e ao chegarem percebem que já existe um outro, e percebem que este outro também é um “igual”, mas “diferente”. Contudo, ao conceber esse outro como “um igual” diante de Deus, mas com costumes diferentes dos seus, os brancos decidem torná-los iguais também em cultura, começando o que Todorov denomina de “assimilacionismo” e

Bhabha (1998, p. 130) chama de “mímica”, “a mímica emerge como uma das estratégias mais ardilosas e eficazes do poder e do saber coloniais”. O colonizado é obrigado a suprimir o seu “eu” passando a ser um imitador do “eu” europeu. É unânime, tanto em Todorov quanto em Bhabha, a utilização da Bíblia como um signo nessa transição do eu ao outro. Nessa perspectiva a Bíblia torna-se um instrumento “civilizador” usado para domesticar e controlar os povos dominados. “A descoberta do livro Inglês [bíblia] estabelece tanto uma medida de mimese como um modo de autoridade e ordem civil.” (Bhabha, 1998, p. 156).

Segundo Bauman (1998), existe um ideal de pureza e ordem intrínseco ao ser humano, ideal esse que não se limita aos objetos, mas inclusive se estende aos seres humanos, e estes muitas vezes são vistos como poluição social, como uma mancha que precisa ser limpa. Seguindo essa linha, o autor nos remete ao exemplo do nazismo na Alemanha, em que os diferentes eram perseguidos, presos, eliminados, para assim tentar manter a “ordem e a pureza”. Não era o desejo de Hitler criar uma “raça pura”, “ariana”? Fica claro um exemplo da aplicação da pureza e da ordem aos seres humanos neste trecho da fala de Bauman (1998, p. 13), “em que são outros seres humanos que são concebidos como um obstáculo para a apropriada ‘organização do ambiente’, [...] uma certa categoria de outra pessoa, que se torna sujeira e é tratada como tal”. É indiscutível como o etnocentrismo leva a ações tão desumanas, em que determinado grupo ou pessoa passa a enxergar o outro, o diferente como um lixo que precisa ser limpo.

ETNOCENTRISMO E ALTERIDADE EM TODOROV: COMO OS ÍNDIOS ERAM VISTOS E TRATADOS PELOS COLONIZADORES?

O processo de “descoberta” e conquista da América é marcado por muitas obscuridades que são refletidas ainda hoje! Bauman (1998, p. 21) afirma que “a modernidade nasceu sob o signo do suicídio”. Foram assassinados povos e mais povos dominados, o que significa isso se não o etnocentrismo em ação? A tentativa de extermínio de uma cultura por ser diferente ou inferior da que se considera como “certa?”

Conforme Bhabha (1998), os processos de colonização exibem certos padrões, o colonizador invade o mundo do outro e tenta implantar seu modo de vida, apropria-se dos recursos que ali encontra (ouro e outros itens geradores de lucro), apropria-se também desse outro como “seu” e o explora de modo que o colonizado é quem trabalha para angariar os bens para seu “dono”. Em contrapartida, o dominador acredita que está trazendo “luz” aos povos que vivem na “escuridão”. Um exemplo é a catequização, da pregação do evangelho aos colonizados.

Alguns relatos do livro de Todorov, que foram retirados do relatório de um grupo de dominicanos endereçado ao ministro de Carlos I (futuro Carlos V), e ocorreram nas ilhas do Caribe. Chocam pela frieza e descaso como os índios eram tratados, os fatos mostram a que ponto a presença do etnocentrismo e a falta de alteridade pode levar a ações desumanas. Sobre o trato com as crianças:

Alguns cristãos encontraram uma índia, que trazia nos braços uma criança que estava amamentando, e, como o cão que os acompanhava tinha fome, arrancaram a criança dos braços da mãe e, viva, jogaram-na ao cão, que se pôs a despedaçá-la diante da mãe. Quando havia entre os prisioneiros mulheres recém-paridas, por pouco que os recém-nascidos chorassem pegavam-nos pelas pernas e matavam-nos contra as rochas ou jogavam-nos no mato para que acabassem de morrer. (Todorov, 2010, p. 202).

Sobre as relações com os trabalhadores das minas:

Todos os contramestres das minas estavam acostumados a dormir com as índias que dependiam deles, se lhes agradassem, fossem casadas ou solteiras. Enquanto o contramestre ficava na cabana ou choça com a índia, mandava o marido extrair ouro nas minas; e à noite, quando o infeliz voltava, não somente cobria-o de golpes ou chicoteava-o por não ter trazido quantidade suficiente de ouro, como também, muito frequentemente, amarrava seus pés e mãos e jogava-o para baixo da cama como um cão, antes de deitar-se, bem acima com sua mulher. (p. 202)

Esses relatos exemplificam claramente como era etnocêntrica e faltosa de alteridade a relação entre colonizador e colonizado.

Ao chegar à América, Colombo traz consigo o olhar eurocêntrico de mundo! Todorov narra o primeiro “contato” entre Colombo e os índios:

Colombo desce a terra numa barca decorada com o estandarte real, acompanhado por dois de seus capitães, e pelo escrivão real, munido de seu tinteiro. Sob os olhares dos índios, provavelmente perplexos, e sem se preocupar com eles, Colombo faz redigir um ato. ‘Ele lhes pediu que dessem fé

e testemunho do que ele, diante de todos, tomava posse de uma dita ilha' – como de fato tomou, em nome do Rei e da Rainha. (Todorov, 1998, p. 40)

Aqui é possível perceber como essa relação colonizador-colonizado seria configurada, o colonizado, apesar de ter sido visto não foi enxergado. Na página 48 do livro temos esta citação retirada do diário de Colombo “então viram gentes nuas” (11.10.1492). Justamente a falta de roupa, um símbolo de cultura foi a primeira observação do colonizador. Sem pedir licença, Colombo vai logo declarando a posse das terras recém “descobertas” ao Rei e à Rainha da Espanha. Todorov explica que os colonizados foram vistos já no primeiro momento como irrelevantes na tomada de decisões.

Primeiro, cria uma imagem dos índios como generosos e até burros: “até pedaços de barris quebrados aceitaram, dando tudo que tinham, como bestas idiotas” (Todorov, 1998, p. 53). Depois de ladrões e covardes: “são tão covardes que um dos nossos bastaria para fazer fugir cem deles”. (Todorov, 1998, p. 55). Era comum entre os índios a noção de bem comum, o que era de um pertencia a todos; quando começaram a conviver com os brancos, estes consideravam isso como roubo, e a punição era a pior possível, “castigai-os cortando-lhes o nariz e as orelhas, pois são partes do corpo que não se pode esconder” (Todorov, 1998, p. 55).

Essa fala de Todorov explicita bem o que está sendo dito até aqui, “fisicamente nus os índios também são, na opinião de Colombo, desprovidos de qualquer propriedade cultural, de certo modo pela ‘ausência’ de costumes, ritos e religiões”. (Todorov, 1998, p. 49) Em seguida, Todorov insere uma fala do próprio Colombo: “pareceu-me que eram gente muito desprovida de tudo.” (Todorov, 1998, p. 49). “Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a Natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores.” (IBID, Todorov, 1998, p. 47).

Ao longo da obra, Todorov demonstra, por meio dos registros, que Colombo se impressionou muito mais com a beleza da natureza do lugar, chegando a fazer anotações minuciosas das belezas naturais que encontrava para mandar ao Rei, enquanto, vez ou outra, em meio à descrição de plantas e animais, aparecia uma ou outra fala sobre os índios.

Durante a terceira viagem, em certo momento, Colombo se pergunta sobre a origem das pérolas que os índios às vezes lhe trazem. A coisa acontece na sua frente,

mas o que ele relata em seu diário é a explicação de Plínio, tirada de um livro (Todorov, 1998, p. 46); a explicação diz que as ostras presas aos galhos ficam de boca aberta esperando as gotas do orvalho para produzir as pérolas.

“Se Deus assim o quiser, levarei seis deles para vossa Alteza, para que aprendam a falar.” (Todorov, 1998, p. 42). É impressionante, na visão de Colombo, os índios não sabem falar, por isso levará alguns para a Espanha para que possam “aprender” a falar. Se eles não sabiam falar, então que língua estava sendo falada aqui? O tempo todo os colonizados estavam sendo contados, eles não podiam opinar se queriam ou não, o tempo todo se falava sobre o índio, mas não ao índio. As falas apresentadas são contundentes. Revelam os etnocentrismos presentes ao longo do processo de colonização, fator que anula quase automaticamente um caminho que pudesse levar a expressões de alteridade.

EXPRESSÕES DE ETNOCENTRISMO E ALTERIDADE EM KOPENAWA: COMO OS COLONIZADORES ERAM VISTOS PELOS ÍNDIOS?

“Foi lá que encontraram os primeiros brancos [...] esses estrangeiros coletavam fibra de palmeira piaçaba ao longo do rio Aracá.” (Kopenawa, 1998, p. 1). “Eu nunca os vira [...] não sabia nada deles...” “eu os achava muito feios, esbranquiçados e peludos, eram tão diferentes que me aterrorizavam...” (Kopenawa, 1998, p. 1). “Parecia que eles tinham uma língua de fantasma.” (Kopenawa, 1998, p. 1). A primeira distinção que Kopenawa faz sobre o outro é sobre a cor, olhando para si mesmo percebe o outro como diferente, como um “branco”. Um “não eu”. Partindo do conceito que tem de beleza, os considera feios e peludos, os índios costumam ser livres de pelos. Ele não compreende o que os brancos falam, então sua língua só pode ser a de um fantasma, pensa Kopenawa. Nesse trecho temos simultaneamente traços de etnocentrismo e alteridade, ele olha para o outro, observa-o, tenta entendê-lo, saber o que quer, mas em seguida faz julgamentos baseados em sua cultura e em seu modo de ver o mundo.

Os brancos foram criados em nossa floresta por Omama, mas ele os expulsou

porque temia sua falta de sabedoria e porque eram perigosos para nós! [...] ele lhes deu uma terra muito longe daqui, pois queria nos proteger de suas epidemias e de suas armas. (Kopenawa, 1998, p. 3).

É bem interessante essa fala. Depois de observar os brancos e perceber como agiam e o que buscavam em suas terras, Kopenawa cria uma teoria de como foram criados, e a teoria é totalmente baseada em suas crenças sobre a criação, o deus criador do “não eu” é o mesmo que criou o “eu”.

“Tinha medo de seus motores, de suas lâmpadas elétricas, de seus sapatos, de seus óculos e de seus relógios [...] tudo me assustava [...]” (Kopenawa, 1998, p. 2). Tudo que pertencia ao outro, sendo ameaçador ou não, causava medo, estranheza e confusão.

nos primeiros tempos eles eram como nós [...] quando viajei para longe, vi a terra dos brancos... Visitei a terra que eles chamam de ‘Eropa’ [...] seu pensamento está cheio de esquecimento, eles continuam a fixá-lo em suas mercadorias como se fossem suas moradas. (Kopenawa, 1998, p. 5-6).

Na tentativa de conhecer o branco, Kopenawa o assemelha a si próprio, mas depois quando o conhece, de fato, em seu mundo “Eropa”, acredita que seu pensamento está esquecido, assim acredita que já não são iguais a ele, mas pessoas confusas que só pensam em ouro e em ficar ricos, ambição que não faz muito sentido para Kopenawa, que apresenta simultaneamente expressões de alteridade e etnocentrismo.

5 NOTA CONCLUSIVA

Este estudo apesar de vislumbrar questões voltadas para o episódio da colonização, permeia situações bem atuais. Teóricos como Homi Bhabha e Zygmunt Bauman questionam até que ponto estamos realmente livres das ataduras e atitudes do colonialismo, e até onde somos de fato uma sociedade “pós-moderna”, ou mesmo o que significa ser pós-moderno? É latente que há muitas questões não resolvidas nestes tempos hodiernos, e o etnocentrismo trazido pelos europeus e perpetuado ao longo dos séculos é uma delas.

Foi possível perceber como todos têm algo a dizer, mesmo àquele a quem lhe é

tirado o direito de decidir sobre si e sobre seu mundo, neste caso, o índio. A impressão que tive ao observar a postura de Colombo é que ele saiu de seu mundo (Europa), mas seu mundo nunca chegou realmente a sair dele. Ele nunca conseguiu de fato relacionar-se com os colonizados, seu discurso foi sempre de autoridade. Levando-o do assimilacionismo ao escravagismo, da igualdade para a desigualdade dos povos encontrados na América.

“A descoberta do outro tem vários graus, desde o outro como objeto, confundido com o mundo que o cerca, até o outro como sujeito igual ao eu, mas diferente dele [...] Pode-se muito bem passar a vida toda sem nunca chegar à descoberta “plena” do outro” (Todorov, 1998, p. 360). Sair de si para conhecer o outro e aceitá-lo tal qual ele é não é uma tarefa fácil, entretanto, também não é impossível. O que precisamos é de coragem! Para sair da nossa zona de conforto e perceber que não existe só um modo de ser, de ver, e de viver no mundo. Não somos uma cultura universal, mas multiculturas, e cada uma com suas peculiaridades enriquecendo o mundo e tornando-o plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: J. Zahar, Rio de Janeiro, 1998.
- BHABHA, Homi, K. *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 3. reimpr. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- KOPENAWA, D. Y. *Descobrimos os brancos*. Depoimento recolhido e traduzido por Bruce Albert, na maloca Watorik. Setembro, 1998. (Povos Indígenas no Brasil).
- MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; Cavalcanti, M. C. (Org.). *Linguística aplicada: faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2010.